

Entre a liberdade e a tortura: uma história sobre os números durante a pandemia da Covid-19 no Brasil¹

Between freedom and torture: a history about numbers during Covid-19 pandemic in Brazil

Luana Oliveira Lima²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir criticamente sobre os significados de elementos matemáticos evidenciados em discursos políticos durante o período de enfrentamento à pandemia da Covid-19 no Brasil. Para isso, apresento uma contextualização histórica dos números e diálogo com dois discursos políticos que entendem os números em seu potencial de liberdade e de tortura para representarem a quantidade de pessoas afetadas pelo coronavírus. Essa análise partiu dos comentários do médico Luiz Henrique Mandetta durante uma reunião ministerial no dia 03 de abril de 2020 e um debate com ex-ministros da saúde no dia 09 de maio de 2020, face a elementos matemáticos que foram utilizados para representar pessoas e relatar fatos. Articulo essas falas aos ideais de liberdade e democracia, com seus efeitos de confiança ou desconfiança, de tortura ou manipulação dos números que representam pessoas no isolamento como medida de contenção da pandemia. Nesse contexto, considero que é necessário a utilização dos números de forma fidedigna, mas não de maneira abstrata, para sua representação das pessoas infectadas, mortas e recuperadas da doença. Os números, por vezes usados para interesses políticos, devem contribuir para a formação de cidadãs e cidadãos humanos e solidários e ser usados com responsabilidade social, a fim de garantir a condição efetiva da cidadania.

Palavras-chaves: Números livres; Números torturados; Pandemia da Covid-19; Interesses políticos; Números para a cidadania.

ABSTRACT

This paper intends to reflect critically on the meaning of the mathematical elements evidenced in the political discourses during the period of the struggle against the Covid-19 pandemic in Brazil. For this, I have presented a historical contextualization of numbers and dialogue with two political discourses that understand the numbers in their freedom and torture potential to represent the number of people affected by the coronavirus. This analysis comes from Dr. Luiz Henrique Mandetta's comments during a ministerial reunion on April 3, 2020, and a debate with former health ministers on May 09, 2020, in the face of mathematical elements that were used to represent people and report facts. I articulate these speeches to the ideals of freedom and democracy, with their effects of trust or mistrust, of torture or manipulation of the numbers that represent people in isolation as a measure of containment of the pandemic. In this context, I consider that it is necessary to use the numbers reliably, but not in an abstract way, for their representation of infected, dead, and recovered people from the disease. The numbers, sometimes used for political interests, must contribute to the formation of human and solidary citizens, and be used with social responsibility, to guarantee the effective condition of citizenship.

Keywords:

Free numbers. Tortured numbers. Covid-19 pandemic. Political interests. Numbers for citizenship.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, licencianda em Letras Inglês na Universidade Estadual de Montes Claros e licencianda em Matemática pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: luanaol.ufmg@gmail.com .

Introdução

*Números, números e mais números
Números de infectados, isolados
Números de mortos, sufocados
Números de recuperados,
esperançados
Números? PESSOAS!*

O poema apresentado foi escrito por mim, autora deste artigo, em 10 de novembro de 2020 após assistir na televisão uma das muitas matérias jornalísticas que divulgam a situação do Brasil e do mundo sobre a pandemia da Covid-19. Desde o início dessa crise sanitária global, os noticiários, impressos, televisivos ou virtuais, se esforçam para apresentar diariamente atualizações sobre os números de pessoas infectadas, mortas e recuperadas, em municípios, estados ou países.

À medida que a quantidade de pessoas acometidas pela doença aumenta, surgem questionamentos sobre a forma com que os números são representados em diferentes instâncias sociais. Na busca por uma sensibilização da população para a gravidade da crise, discursos como *não são só números, são pessoas* ou *enquanto os mortos não forem os seus, serão só números ou será só mais um*, tornam-se recorrentes, principalmente em redes sociais, local de encontro de uma grande parte da população mundial nos atuais tempos pandêmicos.

Discursos como esses marcam um momento que considero fundamental para a reflexão dos poderes de um elemento importante do conhecimento matemático: os números.

Esses números, enquanto representam as “coleções” de pessoas infectadas, mortas ou recuperadas, parecem tirar a humanidade, a dignidade, a vida, de pessoas que se encontram isoladas e amedrontadas, falecem por sufocamento silencioso ou têm as esperanças renovadas pela superação da doença, embora ainda estejam preocupadas com a saúde de seus entes. Ressalto que, como ainda estamos vivendo a pandemia e há muito o que se descobrir sobre o coronavírus, essa superação se refere aos momentos críticos vivenciado pelos sujeitos e até então conhecidos cientificamente.

Uma das formas de gerenciar e controlar crises é a política e seus representantes têm papel fundamental uma vez que seus discursos podem ter impactos que afetam de diversas formas a compreensão e a interpretação do mundo e podem ser utilizadas com fins de controle, ou descontrole, da população. No cenário em que múltiplas dimensões são afetadas pela pandemia atual, podemos considerar, nos discursos políticos, a importância reafirmada dos dados numéricos. Associados à matemática, uma ciência conhecida como produtora de certezas, os números passam a ser utilizados como instrumentos de substantivação e adjetivação em um contexto de incertezas gerado pela proliferação do vírus. Incertezas sobre os sentimentos, sobre o tempo, sobre a vida.

Nísia Lima, Paulo Buss e Rômulo Paes-Sousa (2020, p. 2) pontuam que a crise sanitária e humanitária da Covid-19 pode ser caracterizada como “um fenômeno

multidimensional, a um só tempo, biológico, ambiental e social, com fortes implicações econômica e política”. Algumas dessas implicações decorrem da forma como as pessoas são tratadas em discursos políticos e seus efeitos na sociedade, além das diferentes formas de estar, ser e viver no mundo, que, por vezes, possuem semelhanças com situações panópticas como a da peste já descrita por Michel Foucault (1987).

No que concerne aos discursos políticos, Diego Velho (2020) analisa como as falas negacionistas implicam as ações de combate à pandemia, evidenciando como são importantes suas reflexões e iniciativas pelos governantes. Nesse sentido, Ole Skovsmose (2021) apresenta três possibilidades de relações entre a Matemática e as crises: a matemática como o retrato de uma crise, como constituinte de uma crise e como formatadora de crises, discutindo sobre como os números influenciam nas mudanças em tomadas de decisões sanitárias.

Em relação à Educação Matemática, Lygianne Vieira e Geraldo Moreira (2020) refletem sobre como esse campo de conhecimento pode contribuir para a formação de uma cultura de respeito à dignidade humana e ter lugar de fala durante a atual crise. Para isso, os autores mostram como as desigualdades sociais impedem o enfrentamento da pandemia e mostram o papel relevante da Educação Matemática em contribuir para a humanização, a sustentabilidade e a paz.

Roger Miarka e Marcus Maltempi (2020), ao problematizarem sobre o que será da Educação Matemática após a pandemia do coronavírus, incluem questionamentos sobre as futuras produções científicas, tanto em Educação quanto em Matemática e em Educação Matemática. Diante disso, compreendo que a discussão aqui proposta se apresenta como uma das possibilidades de pesquisa em Educação Matemática, ao refletir criticamente sobre os significados de elementos matemáticos associados a discursos políticos durante o período de enfrentamento à pandemia.

Os trabalhos apresentados permitem pensar sobre como a educação matemática e a política estão entrelaçadas. A partir do exposto, surgiu-me a indagação principal para a escrita deste texto: de que maneira os números, como constituintes matemáticos, contribuem para a representação de pessoas, apresentação de fatos e (não) estão alinhados aos ideais de liberdade e democracia? Com a intenção de discutir os dois temas apresentados, este artigo tem como objetivo considerar, entre os discursos sociais que circulam em diferentes instâncias durante a pandemia da Covid-19, aqueles políticos que tomam os números como essenciais, quando buscam representar a quantidade de pessoas infectadas, mortas ou recuperadas da doença.

Para isso, optei por dialogar sobre questões sociais por meio de duas falas de um ex-Ministro da Saúde do Brasil, o médico Luiz Henrique Mandetta, durante momentos de aflição

vivenciados por brasileiras e brasileiros diante das incertezas no ano de 2020. A primeira fala (MANDETTA, 2020a) ocorreu no dia 03 de abril de 2020, quando o médico era Ministro da Saúde do Brasil e a pandemia avançava pelo país, durante uma reunião ministerial para atualização da situação da crise sanitária. A segunda (MANDETTA, 2020b) foi proferida em 09 de maio de 2020, quando o médico já havia deixado o cargo, em um debate com ministros da saúde de governos anteriores sobre o momento político atual. Os vídeos com as falas estão disponibilizados na plataforma do *YouTube*, nos canais do *Gazeta do Povo* e *Vozes da Democracia*, respectivamente.

Para a escolha dos discursos, considere que o sujeito que fala tem o direito de dizer o que diz porque ocupa um local privilegiado, com conhecimento de causa, sendo esse um tipo de interdição possível em uma sociedade marcada por exclusões, em que os direitos de fala são controlados (FOUCAULT, 1996). O discurso está ligado ao desejo e ao poder, que podem ser reforçados por elementos também excludentes como aqueles ligados à matemática. Tal como considera Foucault (1996, p. 8), os discursos são atividades carregadas de poderes e perigos, que supõem “lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades”.

A discussão apresentada está configurada em três partes. Na primeira, apresento uma breve história dos números, baseada nos estudos de Tatiana Roque (2020, p. 20), pois

concordo com a autora quando diz que “[...] o papel da história não é acessório na formação de uma imagem da matemática: sua função é também social e política”. Incluo também uma exposição sobre a utilização dos números e uma reflexão sobre alguns dos seus poderes durante a pandemia.

Em seguida, dialogo sobre a liberdade dos números no mundo ocidental e a tortura desses números para atingirem as expectativas de governantes, de acordo com os pronunciamentos pelo ex-ministro Luiz Henrique Mandetta. Concluo o trabalho com uma reflexão sobre como a matemática, com suas ferramentas e procedimentos, pode contribuir para o processo de desumanização e controle das relações de poder durante os tempos da atual pandemia.

Uma (re)visitada à história dos números

A população mundial passa por um momento de desconfianças, de incertezas, de apreensões. Esses adjetivos parecem ser todos contrários ao que é expressado quando se pensa em qualquer aspecto matemático. Enquanto todo trajeto é realizado com inseguranças e as pessoas se afastam diante de qualquer pequena tosse ou sinal de prostração que possa indicar sintoma de contaminação, os números não passam ilesos. Há desconfiança das pessoas, dos números, dos números que representam pessoas.

A busca pela compreensão dos conflitos originados em discursos pela substituição de pessoas por números durante a pandemia do coronavírus

suscita uma breve (re)visitada à história desses elementos matemáticos. Desse modo, realizo uma exposição sobre como os números se apresentam em nossa sociedade a partir de uma perspectiva histórica e sobre seus poderes durante a pandemia.

Na Antiguidade, os números faziam parte de práticas cotidianas para representação de quantidades concretas e eram desenhados de forma diferente das conhecidas atualmente. Na Grécia Antiga, essas representações foram incorporadas às ciências e ganharam caráter abstrato e racional, como destaca Marilena Chauí (2000, p. 31), ao explicitar que “os gregos transformaram em ciência (isto é, num conhecimento racional, abstrato e universal) aquilo que eram elementos de uma sabedoria prática para o uso direto na vida”. Entre essas práticas, estão as de medir, contar e calcular e que foram transformadas em matemática.

Tatiana Roque (2020, p. 87) indica que a noção de número é uma das mais importantes na disciplina de matemática. Entre seus significados, está a correspondência entre grupos que, por meio da contagem, “dá origem a um “número” que designa a quantidade de seres em uma determinada coleção”, e que implica uma abstração.

De acordo com a autora, durante a Revolução Científica do século XVII, o Renascimento e todas as fases que dão início à modernidade ocidental, houve uma matematização da natureza, em que a matemática passou a ser associada para a produção de certezas, útil a todos os tipos de

conhecimentos. René Descartes, um dos símbolos da matemática ocidental, considerava essa ciência, com suas figuras e números, a única forma de conhecimento do mundo que era independente dos sentidos.

Roque (2020, p.315) indica essa “revolução matemática” como um momento em que “a quantificação e a medida [passaram a ser consideradas] como integrantes fundamentais do novo ideal de compreensão na natureza [que] podem nos ajudar a entender o papel da matemática e os novos contornos que ela adquiriu na época”. Na prática atual, a quantificação e a medida são expressas por meio de números e, mais do que ajudarem a entender o papel da matemática no passado, é possível compreender um dos papéis da matemática no século XXI, mais particularmente no ano de 2020, durante a pandemia da Covid-19.

A breve (re)visitada exposta permite perceber como a matemática e seus constituintes, como os números, passaram de práticas cotidianas e necessárias à representação de conhecimentos científicos. Junto a isso, está a ideia de que a natureza pode ser matematizada, escrita em números, e nós, seres humanos, como integrantes da natureza e parte de uma “coleção” denominada pessoas, podemos também ser transformados em números.

Durante a pandemia da Covid-19, a ideia de que esses elementos são confiáveis, indubitáveis, que a ciência representada por eles está livre de interferências deu lugar à desconfiança. Entre essas desconfianças estão aquelas referentes ao número cada vez maior de acometidos pela doença, à divergência

nos dados divulgados pelas secretarias municipais e estaduais de saúde, assim como pelo próprio Ministério da Saúde.

O conflito na divulgação dos dados, a persistência de sua omissão por alguns governantes, a revisão dos dados com o objetivo de alterar os resultados ou ainda encontrar outras causas de mortes que não sejam por Covid-19 ou suas complicações mostra como os números não são independentes dos sentidos ou dos sentimentos. Eles sofrem interferências de sensações de desconforto, de fuga, da tentativa de algum tipo de controle dos responsáveis por políticas para manutenção da saúde dos cidadãos. Nos tempos em que vivemos, fica a certeza de que os números, assim como a matemática, não são neutros, não são racionais e nem sempre podem ser confiáveis, uma vez que eles podem estar representando os interesses de um determinado grupo.

Entre esses números, considero ainda aqueles que não estão nos dados, que correspondem às pessoas que não estão registrados como cidadãs brasileiras ou cidadãos brasileiros ou que ainda são os “invisíveis” da pandemia e que antes eram as pessoas “invisíveis” da sociedade (FANTÁSTICO, 2020). Grande parte pertence a classes menos favorecidas, luta pela sobrevivência, não tem o mínimo que preserve alguma dignidade humana e são desconhecidas das políticas assistencialistas de governo. Entre eles, pode-se dizer que, também, estão os negacionistas, que não reconhecem a doença como real nem suas potencialidades mortais, e que, junto a seus grupos de convivência,

negam a morte dos seus por causa do vírus.

São muitos os números que não fazem parte da pandemia e, com essa breve (re)visitada na história dos números e a exposição de sua participação durante essa crise, é possível compreender a sua relevância em nossa sociedade, apresentando uma história dos números durante a pandemia. É importante lembrar que tão grave quanto a desconfiança dos números são os seus efeitos, que levam pessoas às ruas, a protestos contra os isolamentos, à formação de aglomerações, à descrença na ciência e à outras atitudes de enfrentamento.

Assim, os números podem ser utilizados como instrumentos de controle, ou descontrole, de crises em governos autoritários, ditatoriais ou (falsamente) democráticos. A esse último termo, refiro-me, principalmente, a uma ideia falsa de que os números são livres em governos democráticos e que sofrem torturas somente em governos ditatoriais, tal como lembra Mandetta e será discutido nas próximas seções.

Democracia, ditadura e liberdade: os números na pandemia

Em um momento em que muitos abrem mão da liberdade de ir e vir em busca de uma garantia de sobrevivência e proteção de saúde familiar proporcionada pela segurança de estar dentro de casa e longe do vírus, pensar em liberdade torna-se utópico. Diante da alta taxa de transmissão do coronavírus e em nome do controle da saúde pública, alguns

governos aplicam multas aos cidadãos que saem de casa para tarefas que não são consideradas essenciais ou abrem os seus comércios que causam aglomerações. Pessoas questionam a autoridade desses governos e comparam-na a de regimes ditatoriais, perguntando-se, afinal, onde está a liberdade quando vivemos em um país democrático.

Democracia, ditadura e liberdade... O que elas têm em comum com os números e, mais especificamente, com os números da pandemia da Covid-19?

No dia 03 de abril de 2020, o médico e então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, concedeu uma coletiva de imprensa em que contextualizou a situação da pandemia no Brasil e apresentou os números de casos e mortes no país. Referindo-se ao possível surgimento do vírus Sars-Cov-2 em Wuhan, na China, e como o governo chinês conseguiu controlar a situação em uma única cidade, apesar de ter várias cidades populosas, o médico disse:

De repente ele [coronavírus] chegou no mundo ocidental, aonde a imprensa é livre, aonde **os números são livres**, aonde o comportamento social é mais similar ao nosso, e caiu o sistema de saúde (...) (MANDETTA, 2020a, grifo nosso).

Para contextualização dessa discussão, é importante compreender, primeiro, por que o mundo ocidental é similar ao nosso, como dito pelo ex-ministro, mundo esse que compreende os países do ocidente europeu. Como ressalta Marilena Chauí (2000), essa similaridade ocorre devido à

“colonização europeia das Américas, [de modo que] nós também fazemos parte – ainda que de modo inferiorizado e colonizado – do Ocidente europeu” (p. 22). Assim, ao dizer que os números são livres no mundo ocidental, considero que há uma referência a uma possível liberdade dos números no Brasil.

Com relação a isso, é preciso investigar os significados que essa expressão de liberdade pode adquirir. De acordo com o dicionário *Aulete Digital* (2020), ser livre é, entre outras coisas, poder decidir o que fazer e quando fazer, não estar preso ou sujeito a um senhor, é não ter proibições ou limites. Desse modo, os números livres podem ser compreendidos como aqueles que não estão sujeitos a limites, proibições ou vontades de outrem. Eles representam com fidelidade aquilo a que estão determinados.

Na dimensão do discurso apresentado, há uma diferenciação entre a liberdade dos números nos países ocidentais, particularmente no Brasil, e na China. Essa fala pode sugerir que, na China, os números não têm tanta liberdade para representarem dados oficiais, talvez em função do sistema de governo. Ao contrário do que ocorre em locais diferentes do mundo ocidental, onde se presume que os números têm mais liberdade e menos controle, também tomando o regime de governo de grande parte desses países.

De acordo com o artigo terceiro da Legislação da República Popular da China, o sistema político é socialista e ditador democrático popular (CHINA, 2000), sendo compreendido como não

hierarquizado, diferente da maioria dos países ocidentais. Thaís Fernandes (2014, p. 5) pontua que o órgão mais importante na estrutura do poder no país é o Partido Comunista Chinês, “responsável pelas principais decisões do governo” e a divisão de poderes segue o princípio do centralismo democrático, em que “a divisão de funções e poderes entre os órgãos centrais e locais é guiada pelo princípio da abrangência e iniciativa, sob a liderança unificada das autoridades centrais” (FERNANDES, 2014, p. 17).

Eduardo Siebra (2010, p. 17) esclarece que a China é um país muito grande e sua complexidade torna difícil uma compreensão de como são tratados os direitos humanos, as liberdades, a vida da população. Contudo, o autor considera que um problema desse país é “a existência de um Estado autoritário, burocrático e gigantesco, em que valores históricos da sociedade chinesa se mesclam a elementos de uma ideologia revolucionária de matriz ocidental”.

Esses estudos permitem uma compreensão maior do sistema político da China e suas possíveis posições diante dos números. Apesar da dificuldade de compreensão do ideal de liberdade no Estado chinês, é conhecido que sistemas autoritários e ditatoriais tendem a controlar diversos aspectos sociais, como as mídias de comunicação e a divulgação dos dados, podendo incluir os números da pandemia. Do mesmo modo, há uma concepção comum da existência de liberdades de expressão, de opinião, de imprensa, em regimes democráticos representados por países ocidentais.

A crise sanitária no Brasil está marcada pela divergência de números divulgados pelas instâncias governamentais de saúde. Por vezes, durante a pandemia, o Ministério da Saúde parou de divulgar os dados do país, fez recontagens que colocaram em dúvida a sua seriedade enquanto órgão político e social, para o povo, e não como defensor de políticas de governo. Jornalistas precisaram recorrer a secretarias municipais e estaduais de saúde em busca dos dados diários para serem divulgados em noticiários e, com tantas manipulações, a liberdade e a racionalidade dos números é colocada em dúvida.

A reflexão sobre um discurso sério como esse mostra como os ideais de liberdade, igualdade e democracia podem estar ameaçados em nosso tempo. No lugar de inclusão, cuidado e respeito ao próximo, em um momento em que o mundo precisa de solidariedade, são incitados e reforçam os já existentes discursos de desrespeito ao próximo, como às pessoas chinesas, e que podem fazer crescer a xenofobia em nosso país (LOVISI, 2020), já muito marcado pelo racismo, pela homofobia, pelo feminicídio e tantos outros crimes contra a humanidade.

Com esses fatos, é possível perceber que os números não são livres no Brasil assim como não são na China. Os números podem estar ligados a estratégias de controle e a matemática pode atuar na construção de supremacias. Ressalto, ainda, que a liberdade na divulgação dos dados não implica a liberdade dos governantes em manipularem os números de acordo

com o que desejam, com suas estratégias de governo, mas no compromisso da divulgação da realidade, na exposição da verdade das situações, como a verdade da quantidade de pessoas contaminadas, mortas e recuperadas da Covid-19.

Reconheço que há limites do conhecimento científico em relação ao vírus bem como há limite de conhecimento dos profissionais de saúde para comprovar e notificar os números dados. Um dos exemplos que posso citar é a inexistência de recursos materiais para a realização de exames nos lugares mais remotos do país.

Tortura e manipulação dos números da pandemia

Um sistema de governo que deixa margens para dúvidas sobre os números pandêmicos sugere formas de opressão e imposição de vontades, tais como a tortura. Na história da humanidade, a tortura está ligada a abusos de poder, como forma de punição, e, mais recentemente, a ideologias supremacistas, tais como as de ditaduras.

Uma vez que os números não estão livres durante o enfrentamento da pandemia, eles se tornam passíveis dessas punições oriundas do descontrole do poder. A referência à tortura desses elementos matemáticos esteve presente em uma das falas do médico Luiz Henrique Mandetta no dia 09 de maio de 2020, quando ele já havia deixado de ser Ministro da Saúde, em um debate junto a ocupantes do cargo em governos anteriores:

Nenhum sistema de saúde do mundo aguentou até o momento. Agora, querer **torturar os números** para que eles confessem o que você gostaria que eles confessassem, aí já é mais complicado. (MANDETTA, 2020b)

Etimologicamente, o ato de torturar, segundo o dicionário *Aulete Digital* (2020), consiste em tormentos que se afligem a prisioneiros, escravos, para obriga-los a falar ou por simples requinte de crueldade, qualquer martírio, físico, moral ou psicológico, imposto a alguém. No discurso pronunciado, é possível associar os números a prisioneiros do governo que, por meio de interferências, manipulações, omissões, transmitem à população a informação conveniente aos governantes, que nem sempre correspondem às realidades vivenciadas nas instituições de saúde. Nessa situação, eles são apresentados como se fossem criminosos, desertores, passíveis de serem punidos.

Esses atos podem ser tomados como criminosos se buscarem alterar intencionalmente o número de infectados, mortos e recuperados da pandemia visando interesses econômicos em detrimento da vida humana. Em meados de 2020, o Ministério da Saúde, sem um ministro no comando, omitiu alguns dados e parou de emitir as atualizações diárias, obrigando jornalistas a recorrerem a secretarias municipais e estaduais de saúde para as atualizações dos dados nacionais, que ainda prevalece no início de 2021.

A partir da tortura dos números, passa-se a imagem de que a situação no

Brasil no enfrentamento à pandemia da Covid-19 é melhor que em outros países e, com isso, tenta-se acalmar a população, incitando-a a situações de perigo com as aglomerações. Assim, a omissão da realidade corresponde a um crime à condição humana, implica fraudes, coloca em risco à saúde da população, em dúvida o profissionalismo de equipes hospitalares e de órgãos sérios de governo municipais e estaduais que buscam combater a crise sanitária.

Em uma época em que parece que a tortura de pessoas é algo mais fácil de denunciar e comprovar com tantos meios de comunicação, a tortura dos números, nesse momento representando pessoas, apresenta-se como uma possibilidade de figuração de uma realidade inexistente. Nesse caso, embora a tortura não envolva sangue, tal como lembra Foucault (1987, p. 72), “a passagem de uma criminalidade de sangue para uma criminalidade de fraude faz parte de todo um mecanismo complexo” e sugiro que, nesse caso, evidencia o controle e o autoritarismo em regimes que se apresentam como democráticos.

O autor pontua que, “como uma verdade matemática, a verdade do crime só poderá ser admitida uma vez inteiramente comprovada” (FOUCAULT, 1987, p. 88). Contudo, no atual tempo, torna-se quase impossível comprovar o crime cometido ao se torturar os números, quando se há mortos enterrados em valas comunitárias, que não tiveram a oportunidade de expor a sua situação de saúde aos parentes por estarem isolados em hospitais. Ademais, há

aqueles que não tiveram a oportunidade de atendimento e laudo médico adequado, que não fizeram teste para comprovação da contaminação, que são desconhecidos da saúde pública e da sociedade. Assim, torna-se possível questionar se, quando existem tantas variáveis, uma verdade matemática também pode ser comprovada.

As manipulações e extorsões sofridas pelos números buscam reproduzir uma verdade que seja a favor de uma política de governo. Temos visto nos noticiários que os números da pandemia facilitam desvios de verba em diferentes setores públicos. Nesse momento, um dos elementos da matemática, ciência indubitável, racional, sofre interferências e mostra, mais uma vez, como esse campo do conhecimento está permeado por influências externas. A veracidade dos números é importante para a criação de medidas que visam o cuidado à saúde pública. Em oposição à divulgação dessa verdade, está a tortura dos números para a afirmação de ideologias autoritárias e supremacistas.

Com a tortura dos números, torna-se possível a reabertura de comércios, o aumento do consumo em locais externos, a aglomeração de pessoas em estádios de futebol e shows artísticos. Do ponto de vista psicológico, as pessoas podem sentir que voltarão a viver a vida anterior a do isolamento social decorrente da proteção necessária ao vírus mortal. De outro modo, sem a tortura, as pessoas devem continuar isoladas em casa, sair somente para atividades consideradas necessárias à sobrevivência, tais como

idas a supermercados e farmácias. Nesse cenário, estão autorizados a trabalhar fora de casa os trabalhadores da saúde, da segurança pública, de atividades consideradas essenciais para a sobrevivência humana.

Considerações

As situações vivenciadas durante a pandemia da Covid-19 se apresentam como uma oportunidade para (re)pensar a Educação Matemática e suas pesquisas. Nesse artigo, foi possível refletir criticamente sobre os discursos que envolvem elementos matemáticos, como os números, e seus efeitos, mais particularmente aqueles relacionados à quantidade de pessoas infectadas, mortas e recuperadas pelo coronavírus.

Por meio de uma breve (re)visita à história dos números, os adjetivos que parecem contrários à matemática, como desconfiança, incerteza, apreensão, marcam o atual momento e mostram como esses elementos matemáticos participam do atual cenário. Os conflitos na divulgação, na omissão e na revisão dos dados evidenciam como os números sofrem interferências de situações de desconforto, de fuga da realidade, da tentativa de controle e de passagem de uma imagem confortável e diferente do que se é esperado no enfrentamento de uma crise sanitária mundial. Ademais,

A comparação da liberdade dos números na China e no Brasil permitiu compreender que o controle na divulgação dos dados é característica de um Estado autoritário e

antidemocrático. Esse tipo de governo torna passível a execução de punições, tais como a tortura, que acometem aos números por meio da manipulação dos dados. Com isso, a matemática se prova como um campo de conhecimento indubitável, mas por vezes usada erroneamente com fins ideológicos e políticos. Assim, vemos que elementos matemáticos, tais como os números, podem substituir as pessoas dependendo da maneira com que são apresentados, podem manipular fatos e o respeito à humanidade, além de reproduzirem ideais que não estão alinhados aos de liberdade e democracia.

Entre os efeitos da desconfiança, da falsa liberdade e da tortura dos números estão os protestos contra isolamentos e medidas para contenção de aglomerações, à descrença na ciência. As pessoas perdem a solidariedade, o respeito pelo próximo e colocam de lado a promoção de uma cultura de paz. É necessário que sejamos solidários e humanos, independente da nacionalidade, da cor, da idade, compreendendo que não são números, são pessoas, que são infectadas, falecem e estão recuperadas desta doença e que seus sofrimentos devem ser respeitados. A veracidade dos fatos, na maior proporção possível, é um direito de todas e todos. Os números, por vezes usados para interesses políticos, devem contribuir para a formação de cidadãos e cidadãs humanos e solidários e ser usados com responsabilidade social, afim de garantir a condição efetiva da cidadania.

Referências

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHINA. **Legislation Law of the People's Republic of China** (2000). Disponível em: <<http://arq.apexbrasil.com.br/portal/ConhecendoOSistemaPoliticoChines.pdf>>. Acesso em 02 de dezembro de 2020.

FANTÁSTICO. Auxílio emergencial de R\$ 600 revela 46 milhões de brasileiros invisíveis aos olhos do governo. **Portal G1**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/04/26/auxilio-emergencial-de-r-600-revela-42-milhoes-de-brasileiros-invisiveis-aos-olhos-do-governo.ghtml>>. Acesso em 14 de janeiro de 2021.

FERNANDES, Thaís Moretz-Sohn. **Conhecendo o Sistema Político Chinês**. Brasília: Apex-Brasil, 2014. Disponível em: <<http://arq.apexbrasil.com.br/portal/ConhecendoOSistemaPoliticoChines.pdf>>. Acesso em 02 de dezembro de 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

LIMA, Nísia Trindade; BUSS, Paulo Marchiori; PAES-SOUSA, Rômulo. A pandemia de COVID-19: uma crise sanitária e humanitária. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 7, e00177020, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000700503&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 de dezembro de 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00177020>.

LIVRE. In: **DICIONÁRIO Aulete Digital**. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/livre>>. Acesso em 02 de dezembro de 2020.

LOVISI, Pedro. Xenofobia, uma outra doença que veio com o coronavírus. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 27 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/04/27/interna_gerais,1142295/xenofobia-uma-outra-doenca-que-veio-com-o-coronavirus.shtml>. Acesso em 14 de janeiro de 2021.

MANDETTA, Luiz Henrique. **Ao vivo Ministério da Saúde atualiza números do coronavírus no Brasil: casos e mortes**. Canal Gazeta do Povo no YouTube (2020a). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AOUU7661bQQ>>. Acesso em 09 de novembro de 2020.

MANDETTA, Luiz Henrique. **Globo News Debate com Humberto Costa, Mandetta e Osmar Terra**. Canal Vozes da Democracia no YouTube (2020b). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qbGOP-qk54I>>. Acesso em 23 de novembro de 2020.

MIARKA, Roger; MALTEMPI, Marcus Vinicius. O que será da Educação Matemática depois do Coronavírus?. **Bolema**, Rio Claro, v. 34, n. 67, p. 2-4, maio 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-636X2020000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 de dezembro de 2020.

RAMOS, Rui. Discursos sobre a pandemia: o discurso polêmico para além do negacionismo. **Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)**, v. 6, n. 3, p. 37-55, 1 out. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/34511/27692>>. Acesso em 01 de dezembro de 2020.

ROQUE, Tatiana. **História da matemática: uma visão crítica, desfazendo mitos e lendas**. Rio de Janeiro, 2020.

SIEBRA, Eduardo Figueiredo. **Cultura e direitos humanos na China contemporânea: uma investigação metodológica**. 2010. 239 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/1921/1/arquivo660_1.pdf>. Acesso em 03 de dezembro de 2020.

SKOVSMOSE, Ole. Mathematics and crises. **Educational Studies in Mathematics** (2021). Disponível em: <<https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s10649-021-10037-0.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2021.

TORTURA. In: DICIONÁRIO Aulete Digital. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/tortura>>. Acesso em 04 de dezembro de 2020.

VELHO, Diego Ricardo de Assunção. **Análise do Discurso Negacionista no Combate à COVID-19 no Brasil**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro: As Ciências Sociais e a pandemia (2020). Disponível em: <<http://ppgcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/07/AN%C3%81LISE-DO-DISCURSO-NEGACIONISTA-NO-COMBATE-A-COVID-19-NO-BRASIL-Diego-Velho-1-1.pdf>>. Acesso em 01 de dezembro de 2020.

VIEIRA, Lygianne Batista; Moreira, Geraldo Eustáquio. Contribuições da Educação Matemática para a cultura de respeito à dignidade humana. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos (RIDH)**. Bauru, v. 8, n. 2, p. 173-188, jul-dez 2020. Disponível em: <<https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/840/406>>. Acesso em 08 de Janeiro de 2021.

O(s) autor(es) se responsabiliza(m) pelo conteúdo e opiniões expressos no presente artigo, além disso declara(m) que a pesquisa é original.

Recebido em 23/03/2021

Aprovado em 24/06/2021